



ARTIGO DE PESQUISA

RISCO DE CONTRAIR HIV ENTRE USUÁRIOS DE MOTÉIS DIANTE DE SUAS PRÁTICAS SEXUAIS

RISK OF HIV INFECTION BETWEEN MOTELS USERS ASSOCIATED TO THEIR SEXUAL PRACTICES

EL RIESGO DE CONTRAER EL VIH ENTRE USUARIOS DE MOTELES A PARTIR DE SUS PRÁCTICAS SEXUALES

George Sobrinho Silva¹, Maria Verônica de Barros Costa², Alex Ferreira dos Reis³, Simone Gomes Gomes Pereira⁴, Fernanda de Oliveira Ferreira⁵, Helisamara Mota Guedes⁶

RESUMO

A importância do uso do preservativo nas relações sexuais já é de domínio público, porém, esse conhecimento nem sempre leva ao uso. Este estudo teve o objetivo de verificar a percepção de usuários de motéis sobre o risco para contrair HIV diante de suas práticas sexuais. Trata-se de estudo transversal realizado em dois motéis de dois municípios do interior de Minas Gerais com uma amostra de 308 indivíduos. Foram realizados testes estatísticos bivariados (qui-quadrado e teste *t* para amostras independentes) e multivariados (Regressão logística). Encontraram-se 42,5% dos participantes com idade entre 18 e 25 anos. Em todos os tipos de relação sexual, existe pouca ou nenhuma dificuldade em propor o uso do preservativo ao parceiro em mais de 80% dos participantes. A quantidade de parceiros sexuais foi o principal fator explicativo para a percepção sobre o risco de contrair HIV. Entretanto, a percepção sobre o risco de contrair HIV não estava associada ao uso de preservativos. Conclui-se que a percepção sobre o risco de contrair HIV não influenciou no comportamento de prevenção.

Descritores: HIV; Percepção; Comportamento Sexual; Preservativos; Sexualidade.

ABSTRACT

The importance of using condoms during sexual intercourse is already in the public domain however this knowledge does not always lead to the use. This study aimed to verify the perception of users of motels on the risk of contracting HIV on their sexual practices. It is a cross-sectional study conducted in two motels in two municipalities in Minas Gerais with a sample of 308 individuals. Bivariate statistical tests were performed (chi-square and *t* test for independent samples) and multivariate (logistic regression). 42.5% of the participants are aged 18 to 25 years. In all types of intercourse, there is little or zero difficulty in proposing the use of condoms to the partner in more than 80% of participants. The number of sexual partners was the main reason for the perception of the risk of contracting HIV. However, the perception of the risk of HIV infection was not associated to condom use. It is concluded that the perception of the risk of contracting HIV did not influence the behavior of prevention.

Descriptors: HIV; Perception; Sexual Behavior; Condoms; Sexuality.

RESUMEN

La importancia del uso de preservativos durante las relaciones sexuales ya está en el dominio público, sin embargo este conocimiento no siempre conduce a la utilización. Este estudio tuvo como objetivo verificar la percepción de los usuarios de moteles sobre el riesgo de contraer el VIH en sus prácticas sexuales. Este es un estudio transversal realizado en dos moteles en dos municipios de Minas Gerais, con una muestra de 308 individuos. Fueron realizados testes estadísticos bivariados (chi-cuadrado y la prueba *t* para muestras independientes) y multivariados (regresión logística). El 42,5% de los participantes tienen entre 18 y 25 años. En todo tipo de relaciones sexuales, hay poca o ninguna dificultad en proponer el uso del condón en más del 80% de los participantes. El número de parejas sexuales fue el principal factor explicativo de la percepción del riesgo de contraer el VIH. Sin embargo, la percepción del riesgo de contraer el VIH no se asoció con el uso del condón. Llegamos a la conclusión de que la percepción del riesgo de contraer el VIH no influyó en la prevención de la conducta.

Descriptores: VIH; Percepción; Comportamiento Sexual; Los condones; Sexualidad.

¹ Mestre em Enfermagem. Doutorando do Programa de Pós Graduação em Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais. Professor Assistente do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. ² Enfermeira graduada pelo Centro Universitário do Leste de Minas Gerais. ³ Enfermeiro graduado pelo Centro Universitário do Leste de Minas Gerais. ⁴ Enfermeira graduada pelo Centro Universitário do Leste de Minas Gerais. ⁵ Psicóloga. Doutora em Ciências da Saúde. Professora Adjunta da Universidade Federal de Juiz de Fora. ⁶ Mestre em Enfermagem. Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais. Professora Assistente do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri.

INTRODUÇÃO

A Organização das Nações Unidas (ONU) definiu como objetivo de desenvolvimento do milênio a resposta mundial de reduzir a infecção pelo HIV e a AIDS. Neste contexto o Brasil vem se destacando desde a década de 90, em função das políticas de acesso a medicamentos retrovirais, acesso a preservativos e outras ações preventivas⁽¹⁾. Como resultado dessas ações, destacam-se dados do Ministério da Saúde que apontam que no período de 1996 a 2008, o coeficiente de mortalidade pela AIDS no país reduziu 36,5%. Com relação às taxas de incidência, verifica-se certa estabilidade no número de casos novos de HIV nos últimos anos, uma vez que a taxa de incidência em 2008 no Brasil foi de 18,2 casos por 100 mil habitantes, e em 2010 esse coeficiente foi de 17,9 casos novos por 100 mil habitantes. Os desafios de combate à transmissão do HIV continuam, já que o uso do preservativo na última relação sexual entre indivíduos de 15 a 64 anos reduziu no período de 2004 a 2008⁽²⁻³⁾.

Em relação ao conhecimento das formas de prevenção e transmissão do HIV, a maior parte da população brasileira entre 15 e 54 anos (98%) afirmou que o uso de preservativo é a melhor forma de se prevenir contra a infecção pelo HIV⁽⁴⁾, é o

R. Enferm. Cent. O. Min. 2014 maio/ago; 4(2):1065-1075

método de contracepção mais usado em jovens⁽⁵⁾, o que está em concordância com as evidências científicas. Entretanto, estudos mostram que o uso do preservativo é um “comportamento complexo” que envolve uma série de questões, desde o acesso ao preservativo e a serviços de saúde, e relaciona-se a um conjunto de valores, aspectos afetivos e sexuais, entre outros⁽⁵⁻⁷⁾.

Pesquisas apontam que os parceiros sexuais, apesar de saberem da importância do preservativo na prevenção do HIV, têm apresentado dificuldade em propor o uso ao parceiro^(7,8).

Dessa forma, a abordagem nos serviços de saúde quanto à orientação para a utilização do preservativo precisa ser amplamente discutida. Ao focar essa temática com os indivíduos, é preciso valorizar os sentimentos, as dúvidas e as percepções sobre esse uso e, acima de tudo, que essa discussão não seja pautada por um tom normativo. O ideal é que sejam debatidas as possibilidades de realização da sexualidade e discutida formas de resolução para as pessoas que se encontram em situação de vulnerabilidade de adquirir o vírus⁽⁷⁾.

Diante das situações acima relatadas, faz-se necessário a realização de trabalhos que busquem conhecer os comportamentos e a percepção dos indivíduos com relação à

possibilidade de adquirir o HIV, com o intuito de sugerir o desenvolvimento de programas de educação em saúde. Existem poucas referências na literatura de estudos realizados com uma amostra de frequentadores de motéis⁽⁹⁻¹⁰⁾, considerando que esse local atrai um público diversificado e heterogêneo com relação à orientação sexual, idade, sexo, estado civil, entre outras características, é relevante investigar os fatores relacionados ao uso de preservativos nessa população, com o intuito de conhecer os riscos a que esses indivíduos estão expostos⁽⁹⁾. Esse conhecimento poderá contribuir para o planejamento de ações de controle da epidemia do HIV/AIDS.

Considerando esses aspectos, o objetivo geral do presente trabalho foi verificar a percepção de usuários de motéis sobre o risco para contrair HIV diante de suas práticas sexuais.

MÉTODOS

Trata-se de um estudo transversal realizado em dois motéis de dois municípios (Timóteo e Coronel Fabriciano) do interior de Minas Gerais, localizados na região do Vale do Aço. A coleta de dados em motéis se torna um local privilegiado por reduzir a possibilidade de ocorrência de viés de memória ao se questionar sobre a última relação sexual.

A Região Metropolitana do Vale do Aço, conhecida também por Região Siderúrgica, localiza-se no leste do estado de Minas Gerais e possui o 11º maior PIB do Brasil. Timóteo possuía uma população de 81.243 habitantes estimada pelo Censo Demográfico R. Enferm. Cent. O. Min. 2014 maio/ago; 4(2):1065-1075

de 2010 e seu IDH é de 0,831, considerando-se assim como elevado em relação ao estado de Minas Gerais. Coronel Fabriciano possuía uma população estimada em 2010 em 103.694 habitantes, com IDH 0,789, considerando-se assim como médio, em relação ao estado de Minas Gerais¹¹.

A pesquisa foi conduzida nos meses de março a julho de 2009 com as pessoas presentes nos motéis selecionados para a pesquisa. Os horários estipulados para o desenvolvimento da pesquisa ocorreram de forma aleatória, de modo que a coleta dos dados acontecesse durante todos os dias da semana, incluindo fins de semana, nos três turnos - manhã, tarde e noite - , evitando assim vieses de seleção. Foi solicitado que o participante respondesse apenas uma vez ao questionário, caso ele estivesse presente em outros dias no motel e já tivesse respondido o instrumento de coleta de dados em outro momento.

Para garantir o sigilo e privacidade, o convite para a participação na pesquisa ocorreu por telefone, no momento em que os clientes dos motéis ligavam para a recepção solicitando a conta. Nesse momento, os pesquisadores explicavam sobre a pesquisa e convidavam o cliente para participar. O questionário era disponibilizado com a conta do cliente, na roleta do quarto, o que garantiu o sigilo da participação. Somente uma pessoa poderia responder ao questionário. O tempo gasto estimado para o preenchimento do questionário, do tipo *check list*, foi calculado em torno de três minutos e foi esclarecido por telefone que no

estabelecimento há um tempo de tolerância de cinco minutos para se retirar do local após o pagamento da conta. Dessa forma, não houve transtornos para o estabelecimento e/ou para o cliente.

Para o cálculo estatístico do tamanho amostral, considerou-se uma proporção desconhecida do uso do preservativo na população (proporção estimada de 50%). Foi considerado um nível de significância de 95% e uma margem de erro admitida de 6%, resultando em uma amostra mínima a ser estudada de 267 indivíduos. Para compensar eventuais perdas, foram acrescentados 15% ao cálculo, resultando em uma amostra final mínima de 307 indivíduos.

Participaram da pesquisa 308 indivíduos (154 participantes de cada município) que estavam presentes nos motéis no período de coleta de dados.

Foi utilizado como instrumento um questionário contendo 16 perguntas objetivas. O questionário enfocou a última relação sexual que aconteceu no motel no dia da coleta de dados, por isso, apenas uma pessoa que estivesse no quarto deveria responder ao instrumento. As questões estavam relacionadas ao uso do preservativo nas relações sexuais vaginais, orais e anais, início da atividade sexual, se possuía parceiro fixo, possibilidade de adquirir HIV e dificuldade em propor o uso do preservativo.

Os dados foram analisados utilizando o programa *Statistical Package for Social Science* (SPSS), versão 17.0. Inicialmente

foram realizadas análises descritivas e posteriormente foram realizadas análises estatísticas bivariadas (qui-quadrado e teste t para amostras independentes). Com o intuito de verificar quais variáveis seriam explicativas da percepção sobre o risco de contrair HIV, foi conduzida análise de regressão logística multivariada. Foi adotado o nível de significância $p < 0.05$.

A pesquisa foi aprovada previamente pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) do Unileste-MG, sob o protocolo de número 2112508. Cabe ressaltar que o CEP dispensou a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, por considerar que esta identificaria os participantes.

RESULTADOS

Dos participantes do estudo, 159 (51,6%) eram do sexo feminino e 148 (48,4%) do masculino. A idade variou de 18 a 60 anos sendo que grande parte dos participantes (42,5%) que responderam aos questionários possuía idade entre 18 e 25 anos. Houve diferenças significativas ($p < 0,002$) em relação à distribuição da frequência por sexo em cada faixa etária, sendo que a frequência de participantes do sexo feminino decresceu com o aumento da idade, conforme a Tabela 1.

Tabela 1 - Distribuição de gênero e idade dos participantes. Timóteo e Coronel Fabriciano, 2009 (N=308).

	Feminino n (%)	Masculino n (%)	Total por faixa etária
18 a 25 anos	75 (24,3%)	56 (18,2%)	131
26 a 35 anos	62 (20,2%)	45 (14,6%)	107
36 a 45 anos	15 (4,9%)	30 (9,7%)	45
46 a 55 anos	6 (1,9%)	10 (3,3%)	16
acima de 56 anos	1 (0,3%)	8 (2,6%)	9

Em relação ao comportamento de risco para DST, observou-se que 45,8% dos sujeitos referiram não ter usado preservativo na última relação sexual vaginal, 48,4% também não o utilizaram na última relação sexual oral, e 26,3% afirmaram não ter usado na última relação anal.

O início das relações sexuais teve média de idade de 16,86 anos (dp=2,91).

Não houve diferenças significativas em relação à média de idade de início das relações sexuais e o uso de preservativo ($t=1,15$; $gl=1$; $p = 0.249$).

Verificou-se que 64,2% dos participantes consideraram pouco possível a impossível adquirir HIV, como demonstrado na Tabela 2.

Tabela 2 - Distribuição da percepção dos participantes sobre a possibilidade de adquirir HIV. Timóteo e Coronel Fabriciano-MG, 2009 (N=278).

Percepção dos participantes sobre a Possibilidade de Adquirir HIV	n	%
Muito possível	4	11,0
Possível	76	24,7
Pouco possível	79	25,6
Quase impossível	62	20,1
Impossível	57	18,5

Obs.: nem todos os participantes responderam esta questão.

Foi verificada a percepção de cada participante sobre sua possibilidade de adquirir HIV em função da via de relação sexual. Consideraram muito possível ou possível adquirir HIV 36,7% dos participantes que praticaram relação pela via vaginal, 42,5% dos que praticaram relação oral e 43,5% dos que praticaram relação anal. Porém, não foi encontrada nenhuma associação significativa entre a percepção

dos participantes sobre a possibilidade de adquirir HIV e a via sexual ($p>0.05$).

Quanto à dificuldade de propor o uso de preservativo para o parceiro em função da via de relação sexual que foi praticada, observou-se que 89,9% dos participantes relataram ter pouca dificuldade ou nenhuma em propor o uso de preservativo na relação vaginal. A dificuldade em propor o uso do preservativo aumenta na relação sexual oral e anal, sendo que 15,4% e 17,3%,

respectivamente, dos participantes apresentaram média a muita dificuldade. Observou-se que, para todos os tipos de relação sexual, foi relatada pouca a

nenhuma dificuldade em propor o uso do preservativo em mais de 80% dos participantes, conforme apresentado na Tabela 3.

Tabela 3 - Dificuldade de propor o uso do preservativo ao parceiro na via de sexo que foi praticado. Timóteo e Coronel Fabriciano-MG, 2009 (N=308).

	Dificuldade de propor o uso do preservativo para o parceiro				p**
	Muita dificuldade	Média dificuldade	Pouca dificuldade	Nenhuma dificuldade	
VAGINAL					
Sim	7 (4,4%)	9 (5,7%)	33 (20,9%)	109 (69,0%)	0,476
Não	13 (9,2%)	10 (7,1%)	20 (14,2%)	98 (69,5%)	
NR*	1 (11,1%)	0 (0,0%)	2 (22,2%)	6 (66,7%)	
ORAL					
Sim	1 (3,0%)	4 (12,4%)	6 (18,2%)	22 (66,7%)	0,501
Não	10 (6,7%)	6 (4,0%)	24 (16,1%)	109 (73,2%)	
NR*	10 (7,9%)	9 (7,1%)	25 (19,8%)	82 (65,1%)	
ANAL					
Sim	2 (4,3%)	6 (13,0%)	9 (19,6%)	29 (63,0%)	0,097
Não	10 (12,3%)	2 (2,5%)	14 (17,3%)	55 (67,9%)	
NR*	9 (5,0%)	11(6,1%)	32 (17,7%)	129 (71,3%)	

* NR significa não respondeu **Teste Qui-Quadrado de Pearson

Diferenças significativas foram encontradas ao se verificar o uso de preservativo entre os participantes que afirmaram estar com parceiro fixo (50,9%) e os participantes que relataram não estar com parceiro fixo (63,6%) naquele momento, indicando que a frequência de uso de preservativo foi maior entre os participantes que não estavam com parceiro fixo ($X^2 = 4,84$, $p = 0,02$).

Com relação à quantidade de parceiros nos últimos seis meses, pode-se observar que os indivíduos consideraram aumentar a sua possibilidade de adquirir HIV à medida

que o número de parceiros sexuais aumentou. Verificou-se que apenas 6,8% dos participantes que tiveram um ou menos parceiros nos últimos seis meses consideraram muito possível adquirir o HIV, enquanto esse percentual aumentou para 33,3% entre os indivíduos que tiveram cinco ou mais parceiros. A percepção sobre a impossibilidade de adquirir HIV diminuiu à medida que a quantidade de parceiros sexuais aumentou. Foi encontrada diferença significativa entre o número de parceiros sexuais e a possibilidade de adquirir HIV, conforme mostra a Tabela 4.

Tabela 4 - Possibilidade de adquirir HIV pela quantidade de parceiros nos últimos seis meses. Timóteo e Coronel Fabriciano-MG, 2009 (N=308).

Possibilidade de adquirir HIV	Número de parceiros nos últimos seis meses			p*
	Um ou menos	Dois a quatro	Cinco ou mais	
Muito possível	13 (6,8%)	14 (14,7%)	7 (33,3%)	0,002
Possível	45 (23,4%)	25 (26,3%)	6 (28,6%)	
Pouco possível	45 (23,4%)	29 (30,5%)	5 (23,8%)	
Quase impossível	47 (24,5%)	14 (14,7%)	1 (4,8%)	
Impossível	42 (21,9%)	13 (13,7%)	2 (9,5%)	

* Teste Qui-Quadrado de Pearson

Não foi encontrada associação entre a percepção sobre a possibilidade de adquirir HIV e o uso do preservativo, para a relação vaginal ($p = 0,657$), oral ($p = 0,355$) e anal ($p = 0,675$).

Objetivando averiguar quais fatores poderiam explicar melhor a percepção dos participantes sobre a probabilidade de contrair HIV, construiu-se um modelo de regressão logística multivariada, tendo como variáveis independentes: o número de

parceiros nos últimos seis meses, parceiro fixo, uso do preservativo na última relação sexual vaginal, dificuldade para propor o uso do preservativo e como variável dependente a percepção dos participantes sobre a possibilidade de contrair HIV. A Tabela 5 apresenta os resultados da análise de regressão logística.

Tabela 5 - Análise de regressão logística multivariada para investigação dos preditores da percepção sobre a possibilidade de adquirir HIV. Timóteo e Coronel Fabriciano-MG, 2009 (N=308).

	Odds Ratio	IC95% (Inferior-Superior)		Sig
Dificuldade para Propor				
Nenhuma	1	-	-	-
Pouca	0,682	0,361	1,291	0,240
Média	0,537	0,199	1,451	0,220
Muita	0,470	0,181	1,218	0,120
Uso do preservativo na última relação sexual vaginal				
Sim	1,0	-	-	-
Não	0,867	0,526	1,429	0,577
Quantidade de Parceiros				
	1	-	-	-
1 ou menos	4,405	1,352	14,349	0,014
2 a 4	2,453	0,831	7,238	0,104
5 ou mais	1,343	0,648	2,780	0,428
Parceiro Fixo				
	1,343	0,648	2,780	0,428

A regressão logística mostrou resultados que indicaram que, no modelo construído, a variável que explicou significativamente a percepção sobre a possibilidade de adquirir HIV foi a quantidade de parceiros sexuais. Assim, pode-se constatar que os participantes que relataram ter tido entre 2 e 4 parceiros nos últimos seis meses apresentaram 4,4 vezes mais chances de acreditar ser possível contrair HIV, em comparação com R. Enferm. Cent. O. Min. 2014 maio/ago; 4(2):1065-1075

participantes que relataram ter tido um parceiro sexual ou menos.

DISCUSSÃO

Os dados puderam revelar que, analisando as faixas etárias acima dos 35 anos, a frequência relativa dos participantes do sexo masculino foi superior ao feminino. Não foi encontrada associação entre a idade de início das relações sexuais e o uso de preservativo, indicando que a média de

idade de início das relações sexuais não diferiu entre os participantes que utilizaram e os que não utilizaram preservativo.

O início das atividades sexuais apresentou uma média de 16,86 anos, coincidindo com dados da literatura que revelam que a prática sexual na juventude tem ocorrido cada vez mais precocemente^(5,10,12,13).

A Organização Mundial de Saúde relata que a iniciação sexual precoce é preocupante e está conexas com o não uso ou uso inadequado de preservativos, o que expõe esse grupo etário a consequências como gravidez precoce, DST e AIDS⁽⁵⁾.

Não foi encontrada associação significativa entre a percepção sobre a possibilidade de adquirir HIV e a via sexual. Vale ressaltar que a literatura menciona outros fatores considerados de risco como: iniciação sexual precoce, prostituição, violência sexual, múltiplos parceiros e uso de álcool e drogas antes do sexo⁽⁵⁾.

Na presente pesquisa verificou-se que a maioria dos participantes (64,2%) considerou impossível ou pouco possível contrair HIV. Estudo realizado nas bases de dados da Pesquisa sobre Comportamento Sexual e Percepções da População, nos anos 1998 e 2005 mostrou um aumento na proporção de pessoas que declararam não apresentar risco de contrair HIV. Em 2005, 66,7% da população entrevistada declarou não possuir risco de contrair HIV/AIDS⁽¹⁴⁾.

No presente estudo, não foi encontrada associação entre a percepção sobre o risco de contrair HIV e o uso de preservativos. Ter conhecimento das formas de transmissão do

HIV não assegura o uso do preservativo. Dados divulgados pelo Ministério da Saúde mostraram que 52% dos jovens de 15 a 24 anos apresentaram conhecimento correto das formas de transmissão do HIV. Quase 76% dos jovens concordam que o risco de transmissão do HIV pode ser reduzido se o indivíduo tiver relações sexuais com parceiro fiel e não infectado; 92,6% acreditam que uma pessoa com aparência saudável pode estar infectada pelo HIV; 96,1% concordaram que não se pode ser infectado ao ser picado por um inseto; e 74,9%, que não se pode ser infectado ao compartilhar talheres⁽¹³⁾.

O conhecimento sobre a prevenção da contaminação pelo HIV precisa ser de interesse do indivíduo, assimilado e colocado em prática, além da disponibilidade de recursos para a adoção de novos comportamentos sexuais^(9,14). O uso do preservativo resulta de um processo construído por meio da experiência social e da visão de mundo dos sujeitos. Se essa construção não for feita de forma adequada, pode inibir o uso, como por exemplo o fato de uma orientação ou prescrição que seja imposta ao casal pode levar a uma motivação transgressora para não utilizar o preservativo⁽⁷⁾.

Apesar de os dados do presente estudo revelarem que mais de 80% dos participantes apresentaram pouca dificuldade ou nenhuma em propor o uso de preservativo nas relações sexuais, alguns estudos têm encontrado dados diferentes^(7,15). A análise da percepção sobre HIV/AIDS em mulheres com idade igual ou superior a 50 anos mostrou que os sujeitos se percebiam

suscetíveis à infecção e reconheciam a severidade da AIDS, mas não realizavam a prevenção da transmissão do HIV pela via sexual devido à dificuldade de convencer o parceiro quanto à adesão ao preservativo⁽¹⁵⁾.

Pesquisa desenvolvida com mulheres soropositivas mostrou que a mulher tem dificuldades em negociar o uso do preservativo, seja pela resistência do companheiro em utilizar o preservativo, por acreditar que não vai contrair a doença, e até mesmo por uma negação da presença do vírus⁽⁷⁾.

Vale ressaltar que a resistência quanto ao uso de preservativo é identificada com maior frequência em indivíduos do sexo masculino, o que associado aos maiores índices de comportamentos promíscuos pelos mesmos indivíduos acaba por tornar a mulher o sujeito mais vulnerável quanto à infecção pelo HIV. A essa fragilidade se somam outros fatores sociais, como a violência doméstica e sexual, pobreza e desigualdades socioeconômicas, e outras que estão diretamente relacionadas à feminilização do HIV no país ocorrido desde meados da década de 90^(3,8,16-18).

Verificou-se que o uso de preservativos com parceiros fixos foi menos frequente em comparação com o uso entre parceiros casuais. Dados do Ministério da Saúde de 2008 também apontaram o uso menos frequente de preservativo entre parceiros fixos (20%) em comparação com o uso entre parceiros casuais (60%)⁽¹⁴⁾. O não uso do preservativo relacionado aos parceiros fixos é atribuído ao preconceito que estes carregam de que o seu uso é associado à

R. Enferm. Cent. O. Min. 2014 maio/ago; 4(2):1065-1075

prostituição, promiscuidade e a relações extraconjugais. Por outro lado, a não utilização de preservativo com parceiros fixos é muitas vezes considerada pelos casais como uma forma de demonstrar fidelidade^(8-9,18). Outros argumentos também são citados para o não uso de preservativos entre casais de parceiros fixos, como: uso de outros métodos contraceptivos; o fato de o companheiro não gostar de utilizar preservativo; realização prévia de exames anti-HIV, o que conferia segurança à relação; além da própria submissão feminina nas relações conjugais e outras questões culturais⁽⁸⁾.

A análise de regressão logística revelou que, considerando conjuntamente as variáveis ter parceiro fixo, quantidade de parceiros sexuais, o uso do preservativo e dificuldade de propor o uso do preservativo, o fator que contribuiu significativamente para a percepção sobre o risco de contrair HIV foi a quantidade de parceiros sexuais. Participantes que relataram ter entre 2 e 4 parceiros sexuais nos últimos seis meses apresentaram 4 vezes mais chances de acreditar ser possível contrair HIV. Entretanto, não foi encontrada essa mesma associação para participantes que relataram ter mais de cinco parceiros sexuais. Essa percepção sobre o risco de contrair HIV não estava associada a um maior uso do preservativo, uma vez que não foi encontrada associação entre a quantidade de parceiros e o uso de preservativos. Estudo publicado em 2010 também não encontrou associação entre a quantidade de parceiros e o uso de preservativos⁽¹⁹⁾.

CONCLUSÃO

Ressalta-se que os indivíduos apresentam conhecimento adequado sobre as formas de contágio e prevenção do HIV, porém essas informações não têm garantido o uso do preservativo em todas as relações sexuais. O não uso do preservativo pode estar relacionado a questões comportamentais e socioculturais.

Os dados do presente estudo revelam que, apesar dos avanços no controle, prevenção e combate ao HIV/AIDS no país, como as evoluções no tratamento da AIDS, a melhoria do acesso a informações sobre as formas de contaminação, além do fácil acesso às medidas preventivas, como o preservativo, as práticas sexuais ainda continuam favorecendo a manutenção e expansão do HIV/AIDS. Os resultados do presente trabalho podem auxiliar a promover intervenções eficazes e efetivas, baseados em dados empíricos de uma população diversificada. Os dados apontam para a necessidade de intensificação das campanhas e ações para a conscientização dos indivíduos, o que não deve priorizar faixas etárias, grupos populacionais, tipo de relação sexual ou locais de práticas, mas sim atingir todas as populações de forma contínua.

REFERÊNCIAS

1. Victora CG, Barreto ML, Leal MC, Monteiro CA, Schmidt MI, Pain J, et al. Condições de saúde e inovações nas políticas de saúde no R. *Enferm. Cent. O. Min.* 2014 maio/ago; 4(2):1065-1075

Brasil: o caminho a percorrer. *The Lancet.* 2011; Supl Saúde no Brasil, 6:90-102.

2. Ministério da Saúde (BR). Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. Ano VII N° I, jul a dez de 2009 e jan a jun de 2010, Brasília (DF): Ministério da Saúde; 2010.

3. Ministério da Saúde (BR). Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres da Presidência da República. Plano Integrado de enfrentamento da feminização da Epidemia de AIDS e outras DST. Brasília (DF): Ministério da Saúde; 2011.

4. Ministério da Saúde (BR). Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Análise de Situação de Saúde. Saúde Brasil 2009: uma análise da situação de saúde e da agenda nacional e internacional de prioridades em saúde. Brasília (DF): Ministério da Saúde; 2010.

5. Malta DC, Silva MAI, Mello FCM, Monteiro RAM, Porto DL, Sardinha LMV, et al. Saúde sexual dos adolescentes segundo a Pesquisa Nacional de Saúde dos Escolares. *Rev Bras Epidemiol.* 2011 set; 14(1) Supl:147-56.

6. Melo MC, Pimenta AM. Característica epidemiológica da aids na população com mais de 50 anos em Betim e microrregião. *R. Enferm. Cent. O. Min.* 2012 set/dez; 2(3):419-27.

7. Maliska ICA, Souza MIC, Silva DMGV. Práticas sexuais e o uso do preservativo entre mulheres com HIV/AIDS. *Cienc Cuid Saude.* 2007 out-dez; 6(4):471-8.

8. Maia C, Guilhem D, Freitas D. Vulnerability to HIV/ AIDS in married heterosexual people or people in a common-law marriage. *Rev Saúde Pública.* 2008;

9. Guedes HM, Cabral LOC, Costa MVB, Reis AF, Pereira SG; Oliveira-Ferreira F. Comportamentos de risco frente ao vírus da imunodeficiência humana entre frequentadores de motéis. Rev. Latino-Am. Enfermagem. 2012 maio/jun; 20(3):536-42.

10. Guedes HM, Silva GA, Salgado PO, Chianca TCM, Alves M. Uso de preservativo entre frequentadores de um motel. Rev. enferm. UERJ. 2013 abr/jun; 21(2):241-6.

11. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. [pagina na Internet]. Censo, 2010. [acesso em 2012 Mar 08]. Disponível em: www.ibge.gov.br

12. Moura LR, Lamounier JR, Guimarães PR, Duarte JM, Beling MTC; Pinto JÁ, et al. The gap between knowledge on HIV/AIDS and sexual behavior: a study of teenagers in Vespasiano, Minas Gerais State, Brazil. Cad. Saúde Pública. 2013; 29(5):1008-18.

13. Ministério da Saúde (BR), Metas e Compromissos assumidos pelos Estados-Membros na Sessão Especial da Assembleia Geral das Nações Unidas sobre HIV/Aids. UNGASS - HIV/Aids. Brasília (DF): MS; 2010.

14. Ferreira MP. Nível de conhecimento e percepção de risco da população brasileira sobre o HIV/AIDS, 1998 e 2005. Rev Saúde Pública. 2008; 42(1):65-71.

15. Praça NS, Souza JO, Rodrigues DAL. Mulher no período pós-reprodutivo e HIV/aids: percepção e ações segundo o modelo de crenças em saúde. Texto & contexto enferm. 2010 set; 19(3):518-25.

16. Pinheiro TF, Calazans GJ, Ayres JRCM. Condom Use in Brazil: An Overview of the Academic Production on HIV/AIDS Prevention (2007-2011). Temas psicol. 2013 dez; 21(3): 837-58.

17. Pereira BS, Costa MCO, Amaral MTR, Costa HS, Silva CAL, Sampaio VS. Fatores associados à infecção pelo HIV/AIDS entre adolescentes e adultos jovens matriculados em Centro de Testagem e Aconselhamento no Estado da Bahia, Brasil. Ciênc. Saúde Coletiva 2014; 19(3):747-58.

18. Jacobowski B, Jung GS, Schuelter-Trevisol F. Comportamento de Risco para HIV e DST entre professores universitários. DST j. bras. doenças sex. transm. 2010; 22(4):199-205.

19. Cruzeiro ALS, Souza LDM, Silva RA, Pinheiro RT, Rocha CLA, Horta BL. Sexual risk behavior: factors associated to the number of sexual partners and condom and use in adolescents. Ciênc. Saúde Coletiva 2010; 15 (Supl. 1):1149-58.

Agradecimento à Luciana Oliveira Costa Cabral (*in memoriam*) pela participação na realização desta pesquisa.

Recebido em: 22/07/2014

Versão final reapresentada em: 03/11/2014

Aprovado em: 17/11/2014

Endereço de correspondência

Helisamara Mota Guedes

Departamento de Enfermagem. Campus JK - Rodovia MGT 367 - Km 583, n 5000, Alto da Jacuba, Diamantina/MG. Cep 39100-000

Email: helisamaraguedes@gmail.com